

Tendências prosódicas e interacionais do discurso reportado: uma abordagem sociocognitivista¹

Luiz Fernando Matos Rocha
(UNINCOR)

Resumo



Este artigo apresenta aspectos prosódicos e interacionais vinculados a instâncias de construções gramaticais de discurso reportado em Português brasileiro, coletadas de corpus extraído de um *reality show*. Tendo em vista as bases teóricas da Lingüística Sociocognitiva, evidencia-se que quanto mais o sujeito discursivo se afasta do sujeito reportado, passando da primeira à terceira pessoa, mais marcada se torna a prosódia. Do ponto de vista interacional, mais saliente é a desconsideração do narrador com a voz do outro.

Palavras-chave: Prosódia; Interação; Discurso reportado; Cognição.

Introdução

Grande parte dos trabalhos em Lingüística Cognitiva fundamenta suas teorias a partir de sentenças isoladas e

artificialmente construídas, subfocalizando, por conseguinte, informações não-verbais, captáveis apenas em *corpora* de fala espontânea. Não se trata de um reconhecimento novo. A seu modo, Salomão já afirmou: “Muito embora lingüistas cognitivistas [...] sejam enfáticos em ressaltar que ‘a cognição humana é um processo *contextualmente configurado*’, a força de seu trabalho analítico concentra-se no canal léxico-sintático da expressão lingüística, negligenciando, assim, relevar que este nível de organização semiológica *não é excludente dos outros meios expressivos nem necessariamente dominante* na maior parte dos casos de comunicação real” (1997, p. 26).

Tentando escapar da “tradição grafocêntrica”, este trabalho reivindica seu lugar epistemológico porquanto considera variáveis semiológicas ainda não satisfatoriamente relevadas sob o prisma da Lingüística Cognitiva e da Lingüística Sociocognitiva. Trata-se do estudo sociocognitivo sobre uma rede de construções gramaticais² de discurso reportado (e.g. “*Ele disse que...*” ou “*Aí ela falou...*”), coletada de um *corpus* extraído do programa de TV, *Big Brother Brasil 1* (BBB1, TV GLOBO, 2002). A natureza não estritamente verbal do banco de dados tornou inevitável a menção aos fenômenos supra-segmental e interacional, que demonstram atuar como evidência forte em favor da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995), sendo também componentes inapeláveis e decisivos na produção de sentido. Como contrapartes sintáticas, semânticas e pragmáticas se emparelham nas construções, quais seriam, então, as tendências prosódicas e interacionais que acompanham o discurso reportado no uso cotidiano?

Sem pretensões exaustivas, este trabalho verifica regularidades prosódicas e interacionais específicas representadas por segmentos que exibem contínuo sonoro ou variação de altura tonal, volume, velocidade e de registro, as quais estão emparelhadas com configurações morfossintáticas particulares. Para tanto, isolaram-se as construções de discurso reportado mais produtivas segundo critérios sintáticos e de acordo com as três pessoas do discurso na busca de padrões que acabaram por explicitar grande parte do que se defende aqui como rede construcional de discurso reportado.

1 Prosódia e sintaxe

De canto para acompanhar a lira à música da fala corrente, a prosódia, da Grécia Antiga aos dias de hoje, constitui domínio que vem sendo submetido a olhares variados, passando pela descrição de escolas normativistas, estruturalistas e, mais modernamente, sociointeracionistas, como Couper-Kuhlen: “O termo *prosódia*, em sua acepção lingüística, refere-se àquelas dimensões não-verbais do discurso, as quais têm a sílaba como seu domínio mínimo e podem estar relacionadas aos parâmetros auditivos de volume, duração e altura tonal” (1996, p.369).

Por sua vez, Gonçalves (1997) explica que tanto o Estruturalismo quanto o Gerativismo, em sua versão clássica, privilegiaram a análise de fenômenos situados no plano segmental da fala, partindo de uma concepção linear das representações fonológicas. Com isso, a prosódia permaneceu relegada a segundo plano. Coube à Fonologia não-Linear dar relevância ao estudo dos

fatos supra-segmentais³ na compreensão do fenômeno da linguagem, tarefa também desempenhada por pragmatistas.

Conforme observa Gonçalves:

A prosódia rege as relações de sentido e de informação que se estabelecem entre os elementos através dos quais o discurso se processa, oferecendo, pois, a *chave da interpretação*. Por isso, não pode ser concebida como mero adorno que caminha, lado a lado, com as estruturas “sólidas” de descrição lingüística (Fonologia e Sintaxe). [...] De modo geral, todos os elementos supra-segmentais constituem formas de que o falante dispõe para ponderar valores semânticos e pragmáticos num enunciado. Dito de outra maneira, esses elementos caracterizam as atitudes do falante ou suas interpretações pessoais [...] (1997, v.1, p. 37, grifo e aspas do autor).

Basicamente, os estudos sobre prosódia constituem-se como parte da fonética/fonologia, concentrando-se em elementos comuns entre música e fala.

Gonçalves (1997, p. 63) assim sistematiza os fatos supra-segmentais:

Elementos da melodia da fala - variações na altura melódica, ou seja, variações na Frequência Fundamental (F0)⁴:

- **Tom e entonação:** representam a função contrastiva de altura no nível da palavra e no nível da sentença, respectivamente;
- **Tessitura:** apresenta função coesiva na estruturação do discurso oral e, fazendo uso das variações de altura, indica que constituintes devem estar em estreita conexão com outros.

Elementos temporais - tempo gasto na enunciação:

- **Duração:** sistematiza-se no nível da sílaba, independentemente da ‘duração intrínseca dos segmentos’, e diz respeito à extensão dos constituintes métricos, tomando por base seu tempo considerado “normal”;
- **Mora:** duração intrínseca das sílabas;
- **Pausa:** paradas que segmentam o *continuum* da fala;
- **Velocidade:** acelerações e desacelerações dentro dos pés;
- **Acento:** uma sílaba acentuada é protuberante em relação a outra, menos saliente e, portanto, não-acentuada;
- **Ritmo:** padrão de uma seqüência temporal, é a maneira que a linguagem tem de organizar o que deve ser dito, envolvendo a noção de isocronia.

Elementos da qualidade da voz - estilos vocais específicos:

- **Volume:** intensidade/força de voz;
- **Registro:** emprego de uma qualidade de voz diferente da habitualmente utilizada pelo falante, com fins expressivos, enfáticos, de ironia etc.

Todos esses fatos prosódicos podem contribuir para a definição dos limites das construções. Na seção de análise, há evidências em favor da interface

prosódia-sintaxe. “As atitudes do falante expressas pela entoação devem ser enquadradas nos estudos sintáticos da língua, assim como estão situados nesse campo os estudos de tempo, modo e aspecto. Na verdade, eles são da mesma natureza. Isso, obviamente, acarretará uma ampliação dos limites da sintaxe” (CAGLIARI, 1981, p. 172).

Por outro lado, Gonçalves (1997, p. 78) advoga em favor de um modelo de gramática que considere a prosódia um componente independente da sintaxe, mas que está em conexão com ela em maior ou menor proporção. Isto porque nem sempre os contrastes sintático-estruturais são traduzíveis pela prosódia e todos os níveis hierárquicos da prosódia podem ser caracterizados independentemente da sintaxe.

No entanto, a noção de focalização prosódica oferece suporte à investigação das fronteiras do discurso reportado. Segundo Gonçalves (1997, p. 110), focalizar é acentuar, ressaltar, pôr em relevo determinado item do texto. Por sua vez, Hirst & Di Cristo (1999, p. 32) afirmam que o fenômeno se manifesta por uma proeminência de altura tonal, aumentando os movimentos da F0, muitas vezes, acompanhada por duração e intensidade. Como fenômeno discursivo-pragmático, a focalização vincula-se às estratégias argumentativas e ao conteúdo informacional do enunciado, segundo afirma Gonçalves (1997, p. 115).

2 Prosódia e pragmática

Implicações pragmáticas marcam a prosódia como campo de atuação de correntes teóricas que primam pela investigação da natureza interacional da linguagem. Couper-Kuhlen & Selting (1996) afirmam que, se a prosódia é vista como atributos musicais do discurso, então boa parte dos estudos de prosódia tem sido abandonada pela lingüística estrutural moderna. Segundo as autoras, a união entre prosódia discursiva e linguagem em uso, permitindo que elas combinem de modo fértil, ajudará a superar uma série de fraquezas que tem se tornado aparente na prática corrente de cada uma.

A maioria dessas fraquezas advém do fato de que a linguagem é, inconscientemente, tratada como prosa. E prosa, para Couper-Kuhlen & Selting (1996), é linguagem organizada para apresentação visual. Por razões como essa, analistas conversacionais, que vêem a linguagem como fenômeno social, chamam atenção para fatores como: partículas de hesitação, alogamento, interrupções, risos, micro-pausas, acento, entonação, entre outros. Para Couper-Kuhlen e Selting (1996, p. 21), a entonação, por exemplo, é ligada a funções que derivam do uso situado de linguagem com o objetivo de se realizarem metas interacionais. Prosódia e entonação têm, então, função contextualizante, revelando como alguma coisa é dita, não o que é dito. Esse “como” configura o enquadre prosódico do que é dito.

Couper-Kuhlen (1998) defende que a prosódia auxilia na busca da coerência discursiva, ou seja, os participantes da cena estão sempre tentando fazer sentido de modo coerente. Quando não conseguem, perguntam-se:

- (a) **Por que isso agora e dessa maneira?:** a prosódia almeja a coerência;
- (b) **De quem é a outra voz?:** a prosódia serve para desempatar caso

haja dúvida. Isso porque efeitos prosódicos são dêiticos em certa medida. Os falantes adotam padrões prosódicos, relativos a altura tonal, volume, tempo e qualidade vocal.

- (c) **O que o falante está fazendo com esta outra voz?:** há um propósito para animar outra figura.

A solução prosódica passaria, então, pelo uso de *frames* vocais distintos, pois alteração de qualidade de voz, entonação e ritmo ajudam a sinalizar, por exemplo, que a voz é de outrem nos contextos de fala reportada. No entanto, há casos em que o *frame* prosódico serve para endossar que os interactantes estão se entendendo perfeitamente no contexto de discurso reportado, ou seja, sabendo claramente quem é o sujeito que reporta, quem é o sujeito reportado e quais falas correspondem a quem. Assim, a prosódia não serve apenas para solucionar dúvidas interacionais, mas também para sinalizar que as seqüências de discurso reportado são, compreensivelmente, satisfatórias. Os fatos supra-segmentais atuam ainda na distinção de moldes de discurso reportado, acentuando as especificidades da perspectiva tomada em relação à voz do outro.

3 Discurso reportado: aspectos prosódicos e interacionais

3.1 Distinções supra-segmentais em Inglês

Em estudo sobre os correlatos prosódicos do discurso reportado em *corpus* inglês de interação conversacional por telefone, Jansen, Gregory & Brenier ([200-]) apresentaram conclusões que podem ser adaptadas ao estudo de nossa língua. Eles descobriram que o discurso direto é precedido por limites frasais de entoação que o separam da narrativa circunvizinha. Em geral, o molde diretamente reportado apresenta um tom mais alto. Ao contrário, o indireto parece não apresentar essa distinção. Os elementos supra-segmentais contribuiriam, então, com o Reconhecimento Automático do Discurso (ASR – *Automatic Speech Recognition*), sinalizando funções discursivas, sobretudo na ausência de pistas lexicais ou sintáticas de discurso reportado. Os autores apostam na hipótese de que existe correlação entre função discursiva e prosódica.

A fim de verificar a distinção prosódica entre discursos direto e indireto, Jansen, Gregory e Brenier concentraram-se em três características prosódicas básicas: extensão tonal (*pitch range*), nível global de tom refletido pelo tom médio (*overall pitch level as reflected by the average pitch*) e pausas prosódicas (*prosodic breaks*). Compararam-se a extensão tonal e o tom médio de segmentos diretos e indiretos, testando-se ainda em que medida a extensão tonal e o tom médio das citações foram reajustados (*reset*) de acordo com o meio e a extensão tonais das frases entoacionais anteriores e posteriores. A extensão e o nível tonais, assim como a medida relativa desses reajustes refletem mudanças na estrutura discursiva ou sintática.

Observou-se, também, se duas funções discursivas poderiam ser distinguidas por pausas entoacionais, que coincidem com extensão tonal e reajustes de nível. Os autores constataram que os *resets* freqüentemente

coincidem com as pausas, por meio de tons-limite, pausas e alongamentos finais. Em geral, o indireto não apresenta pausa no início do encaixe da fala reportada. Já no discurso direto, normalmente, há pausa nesse ínterim, podendo ser acompanhada subseqüentemente por uma extensão tonal maior no encaixe e maior quantidade de reinicializações entre a frase citada e o domínio precedente. Os autores defendem que o discurso direto tem função discursiva de demonstração, ao passo que o indireto tem função discursiva de descrição.

3.2 Distinções supra-segmentais em Português brasileiro

A partir de um *corpus* coletado do programa de TV, *Big Brother Brasil 1* (TV GLOBO, 2002), Matos Rocha (2004) apresenta as distinções supra-segmentais entre usos produtivos de discurso reportado, detalhando-as de acordo com as pessoas discursivas. O autor explicita que a prosódia adotada pelo sujeito discursivo torna-se cada vez mais matizada à proporção que ele reporta em primeira, segunda ou terceira pessoa. Do ponto de vista interacional, mais evidente também se torna à desconsideração do narrador com as palavras de outrem⁵. Garantida certa distância do sujeito reportado, o animador da voz do outro faz o que quer com ela: aumenta, inventa, imita, debocha ou, até mesmo, esforça-se para ser fiel às palavras originais. Por outro lado, à medida que o colorido prosódico se acentua, o Modelo Cognitivo Idealizado⁶ do sujeito que reporta sugere uma disposição de se aproximar do MCI do sujeito reportado.

Em consonância com os recursos prosódicos, as construções gramaticais de discurso reportado atuam como estratégia pragmática na busca e na consolidação de alianças interacionais, dando credibilidade e consistência ao próprio discurso e visando à manutenção de *face*⁷. Antes de marcarem graus específicos de perspectivação relativos à fala que se reporta, os fatos supra-segmentais discursivamente visam à distinção de vozes. No trecho abaixo,

(1) ANDRÉ: eu joguei muita conversa fora"

KLÉBER: não' **falou tudo certo**' o pior que você fala tudo certo André' explicou tudo ali' explicou negócio de voto' explicou de mim' explicou' explicou um monte de coisa

não há como decidir sem o auxílio da prosódia se "tudo certo" é voz de outrem, representada por um objeto discursivo, ou é um modificador do verbo "falou". Já que Kléber emitiu o trecho negrito em fluxo contínuo, tende-se a apostar na segunda opção. Se houvesse pausa entre "falou" e "tudo certo", bem como alteração tonal sobre esse encaixe, a primeira seria mais coerente. Portanto, a prosódia, em casos como (1), tem também a tarefa de dissolver ambigüidades estruturais.

Com ou sem o auxílio de pistas léxico-sintáticas, às vezes, os fatos supra-segmentais constituem-se como construtores de espaços mentais⁸ para a introdução da fala de outrem. Fauconnier (1994) afirma que tais construtores são, basicamente, expressões lingüísticas, sem, contudo, apontar para outras semioses que podem também cumprir a tarefa de instaurar novos domínios conceptuais. O exemplo (1) atesta a relevância da prosódia na definição da

configuração construcional. Portanto, traços supra-segmentais podem fundar espaços mentais, alterando o nível do segmento. Outros exemplos serão avaliados a seguir, demonstrando como essas alterações podem ser feitas e quais efeitos produzem na construção do sentido.

3.2.1 Discurso direto em primeira pessoa

O discurso direto em primeira pessoa apresenta duas tendências básicas: uma em termos prosódicos e outra em termos interacionais. Em geral, há manutenção do padrão entoacional do próprio falante no momento em que ele está se reportando. Ou seja: o tom de voz do interlocutor que se reporta não muda no encaixe da fala reportada. Entretanto, o construtor de espaço mental pode sofrer aceleração, o que contribui, por conta de apelos pragmáticos, para a desfocalização do prefácio *dicendi* e focalização do discurso reconstruído. Além disso, na juntura com a fala encaixada, pode haver pausa.

O exemplo a seguir é emblemático nesse sentido. Ele faz parte de uma cena em que Estela conversa com Alessandra, tendo como ouvintes não-endereçados, Sérgio e André. Em tom amigável e divertido, Estela retoma uma interação que teve com Alessandra na madrugada do mesmo dia. A cena reportada diz respeito a um dos momentos em que Alessandra passava mal por causa da ressaca da festa da noite anterior:

(2) ESTELA: aí cê acordava e ficava' Té Té Té' eu chegava perto' quero ir embora
ALESSANDRA: ((risos))
ESTELA: ((discurso reportado, doravante DR)) Té Té eu num preciso ir trabalhar hoje né ((risos)) **eu falava' não Lé não precisa'** ((DR)) cê já foi na padaria comprar o pão" eu já'

O segmento em negrito se apresenta em meio a um diálogo reconstruído e se caracteriza como uma construção gramatical de discurso direto em primeira pessoa, através da qual Estela se reporta. A construção se distingue prosodicamente do material circunvizinho, formado basicamente por construções gramaticais de discurso direto sem *dicendi* explícito. Com isso, Estela marca a alternância entre sua voz e a voz de Alessandra, o que atende ao que Couper-Kuhlen (1998) chama de busca de coerência. Nas falas reportadas, Estela basicamente sobe ligeiramente o tom, já dando sinais de que o colorido prosódico matizado recai mais sobre a fala do outro, seja esse outro segunda ou terceira pessoa. Isso fica ainda mais claro quando Estela encerra com "eu já", produzido na mesma altura tonal do primeiro trecho negritado "**eu falava' não Lé não precisa'**". Entre os dois, tem-se a fala reportada de Alessandra, "cê já foi na padaria comprar o pão" ", com um tom acima.

Tais estratégias prosódicas concorrem com estratégias sintáticas de delimitação da fala de outrem, no sentido de que ambas se complementam. O construtor de espaço mental "eu falava", que abre um espaço específico para encaixe de discurso reportado, aponta do centro dêitico do discurso (espaço-base) para um espaço de passado, dado pela desinência modo-temporal de imperfeito do indicativo (-va). A constituição simples da expressão *dicendi* "eu falava", em primeira pessoa, já anuncia que a voz reportada a seguir é a mesma

de quem produziu “eu falava” e que ela não se localiza no espaço de presente ou de futuro, mas de passado.

A prosódia age em conjunto, contribuindo decisivamente para a delimitação das fronteiras sintáticas e discursivas. À medida que, no trecho selecionado, atua sobre a expressão *dicendi* “eu falava” com grande velocidade de produção, torna a desinência modo-temporal “-va”, quase que imperceptível, prefaciando a fala encaixada, que sofre desaceleração. Essa específica variação prosódica entre aceleração e desaceleração faz com que a fala encaixada esteja em foco (GONÇALVES, 1999, 1997) e pontua os limites sintático-prosódicos entre os constituintes. Sendo assim, a prosódia mostra-se como um recurso distintivo de constituintes sintáticos, via gradação de velocidade. E mais: revela-se uma estratégia de distinção discursiva, à medida que se observa Estela alternando o tom para dar conta de sinalizar sua própria voz e a voz de Alessandra.

Do ponto de vista interacional, o discurso direto em primeira pessoa mostra-se como um produtivo recurso de manutenção, constituição e consolidação de *face*⁹, nos termos goffmanianos (1980). Tal construção emparelha-se, portanto, com a estratégia de defesa de *face*. No segmento negrito da cena 2, por exemplo, temos uma participante do BBB1 se reportando. Em moldura de competição, no qual os jogadores disputam um prêmio elevado em dinheiro, reiterar a própria fala só se torna útil quando essa fala pode trazer algum tipo de benefício para a *face* construída. No momento, Estela demonstra interesse em acentuar a *face* de amiga, tornando viva a cena reportada. A reiteração reformatada por um *frame* vocal em tom próprio e amigável tenta reconduzir Estela ao posto de amiga, *face* tão cara a uma participante que está prestes a ser eliminada do jogo.

A reiteração do próprio discurso e também do discurso de outrem, em termos de interação conversacional, é regida pelo mesmo princípio que governa a elaboração de um trabalho de caráter científico, apesar do abismo que separa rigor epistemológico de fala distensa e corrente. Faz parte do gênero tese, por exemplo, assumir certos pressupostos teóricos que sustentam a hipótese central do trabalho. Com isso, reitera-se o discurso de outrem para dar fundamentação ao próprio discurso, procedimento metodológico que dá credibilidade ao trabalho do cientista. Ou seja: não sou eu apenas que defendo determinada hipótese, mas estou embasado em fulano ou beltrano, os quais me autorizam, em certa medida, a defender um novo ponto de vista. Em geral, as ocorrências de discurso reportado aqui discutidas seguem o mesmo princípio argumentativo.

3.2.2 Discurso direto em segunda pessoa

A construção gramatical de discurso direto, em segunda pessoa, apresenta tendências prosódicas bem mais marcadas que a construção anterior, sendo um divisor de águas entre aquele que se reporta e aquele que reporta o outro. A elevação da frequência no encaixe do discurso de outrem, a qual faz erguer o tom da melodia da fala, é seu traço mais proeminente. Além disso, a intensidade via aumento de volume, bem como a aceleração do construtor de espaço, compõem especificidades que ajudam fazer da construção uma unidade lingüística.

Por conta disso, as estratégias de manutenção de *face*, delineadas para a construção anterior, são mais acentuadas na construção de discurso direto,

de segunda pessoa. Na construção de discurso direto, de primeira pessoa, o sujeito reportado é o próprio sujeito que reporta. Na construção de segunda pessoa, a outra voz presencia o ato de se ver reportada pelo sujeito discursivo. Com isso, além das estratégias de defesa de *face* (do próprio sujeito discursivo), comuns à construção de primeira pessoa, evidenciam-se, na construção de segunda pessoa, estratégias de proteção (do sujeito reportado). A ocorrência a ser analisada é esta:

(3) ALESSANDRA: eu fiquei caída na ducha"
ESTELA: não na ducha cê num quis tomar banho' não eu sentei você no chão e sentei com você e entrei de roupa junto' ((DR)) ah eu vou com você' Leka ((tosse)) aí sentei você no chão e sentei junto aí cê num queria' aí o Serginho ia tentar te ajudar' **cê falava' não não eu quero a Té a Té'** e o Serginho' Leka' sou eu o Serginho' dá confiança pra mim' cê mordeu ele

O exemplo (3) mostra Estela resgatando suas próprias atitudes solidárias e, ao mesmo tempo, mitigando a *perda de face* de Alessandra provocada pelo excesso de bebida na noite anterior. Com a construção em negrito, Estela busca, claramente, a manutenção da *face* de amiga. Ela reporta a voz de alguém que está diante dela mesma. Através disso, mostra que Alessandra queria sua ajuda e não a de Sérgio. Dizer isso enaltece seu prestígio diante da própria Alessandra e dos milhares de espectadores que acompanham, ao vivo, suas palavras. Trata-se de um estratégia coerente à medida que são esses espectadores que vão ajudar a decidir sua permanência no jogo.

Do ponto de vista prosódico, a oração encaixada da construção em negrito, "**não não eu quero a Té a Té'**", apresenta basicamente uma elevação de frequência, ou seja, aumento de tom por conta da vibração maior das cordas vocais. Essa frequência sofre uma queda ao final do segmento, marcando o limite do grupo entoacional e, por conseguinte, do grupo sintático. O material narrativo que se segue, "e o Serginho", é expresso em tom normal.

3.2.3 Discurso direto em terceira pessoa

A tendência predominante nas construções gramaticais de discurso direto, em terceira pessoa, é a mudança de qualidade vocal na fala encaixada, com alterações de timbre ou registro, mais grave ou mais agudo. Portanto, o sujeito discursivo pode engrossar ou afinar a voz, guturalizá-la, produzindo murmúrios, sussurros e cochichos. Além disso, acumulam-se outros traços prosódicos como mudança de tom e de volume. Como se tem observado, o comportamento prosódico, mais ou menos colorido, está vinculado à distância que o sujeito discursivo estabelece em relação ao sujeito reportado.

À medida que o sujeito da construção de discurso reportado se altera da primeira para a terceira pessoa, mais recursos prosódicos vão sendo adotados. Quanto mais distante do sujeito reportado, mais o sujeito discursivo caricaturiza a voz de outrem, fazendo com que a citação se transforme em mímica. O que se postula é que citação é uma mímica menos colorida prosódica e/ou gestualmente. Por sua vez, a mímica é uma citação mais colorida prosódica e/ou gestualmente. O que varia é a intensidade prosódica e possivelmente gestual que se dá ao enunciado.

A seguir, o exemplo (4) apresenta um falante reportando discurso em terceira pessoa, mas longe do sujeito reportado. Em uma interação com André, Vanessa refere-se a um episódio ocorrido fora da casa do BBB1:

(4) VANESSA: aí diz que tava conversando com o com o o par como é que fala o par dela né o padrinho' aí falou/ aí tavam bebendo e ele foi comeu a cereja do do da bebi/ do drinque dela' aí **ela foi reclamar' ah num sei quê num sei que lá he eat my cherry'** diz que todo mundo olhou pra e/ pra pra ela olhou pra ele' começaram a rir' diz que comer a cereja é é que nem comer o bagaço

Após proferir o construtor de espaço “ela foi reclamar”, Vanessa abre um parêntese na narrativa para encaixar a suposta fala de sua irmã. Além de aumentar volume e tom, ela afina a voz de tal forma que fala em falsete, alterando a configuração do timbre pessoal. Somente depois de emitir a fala encaixada por completo, Vanessa recupera seu tom próprio de fala em “diz que todo mundo olhou...”. Assim, ela delimita claramente os espaços que competem às respectivas vozes, não deixando dúvidas que suscitem reparos.

A distância temporal e física do sujeito discursivo para o sujeito reportado licencia o uso de construções de discurso reportado mais coloridas prosodicamente. Com isso, cria-se um ambiente mais propício para a caricatura, para o deboche ou para a ironia. Ou seja: desconsidera-se a *face* de outrem com intuítos de se sustentar uma *face* espirituosa.

O quadro a seguir, que serve de espelho para as demais construções, resume as tendências prosódicas e interacionais relacionadas às construções gramaticais de discurso direto:

Quadro – Emparelhamento entre sintaxe, semântica, pragmática e prosódia das construções de discurso direto

Discurso direto	Sintaxe/semântica ¹⁰	Tendências prosódicas	Tendências interacionais
1ª p.	[SUJ V OBJ] ¹¹ ↓ [Agente CAUSAR-MOVER Paciente]	Fluxo entonacional contínuo ao longo da construção, com possibilidade de aceleração do construtor de espaço mental e de pausa para prefaciara fala encaixada.	Defesa de <i>face</i>
2ª p.	[SUJ V OBJ] ↓ [Agente CAUSAR-MOVER Paciente]	Elevação de frequência que redundante em aumento de tom e de melodia, acompanhada pela intensidade de volume, com possibilidade de aceleração do construtor de espaço mental e de pausa para prefaciara fala encaixada.	Defesa e proteção de <i>face</i>

...continuação

3ª p.	[SUJVOB] ↓ [Agente CAUSAR- MOVER Paciente]	Alteração de qualidade vocal com o uso de timbre e registro diferentes na fala encaixada, podendo haver falsete, sussurros e cochichos, bem como elevação de freqüência que redundam em aumento de tom e de melodia, acompanhada pela intensidade de volume, com possibilidade de aceleração do construtor de espaço mental e de pausa para prefaciar fala encaixada.	Defesa, proteção e desconsideração de <i>face</i>
-------	---	---	---

Tendências prosódicas e interacionais do discurso reportado: uma abordagem sociocognitivista

3.2.4 Discurso reportado sem expressão dicendi

Um das mais produtivas do *corpus*, a construção gramatical de discurso direto sem expressão verbal *dicendi* ancora-se no material narrativo circunvizinho. Construções como esta podem ser entendidas como casos de discurso indireto livre, em que o pensamento ou a fala do sujeito reportado está em uníssono com a voz do narrador. São precedidas por breves relatos de acontecimentos, que criam um ambiente propício para o encaixe do discurso reportado:

(5) ALESSANDRA: eu fiquei caída na ducha”

ESTELA: não na ducha cê num quis tomar banho’ não eu sentei você no chão e sentei com você e entrei de roupa junto’ ((Estela fala rindo)) **ah eu vou com você’ Leka** ((tosse)) aí sentei você no chão e sentei junto aí cê num queria’ aí o Serginho ia tentar te ajudar’ cê falava’ não não eu quero a Té a Té’ e o Serginho’ Leka’ sou eu o Serginho’ dá confiança pra mim’ cê mordeu ele

Envolvida novamente na recorrente estratégia de defesa de *face*, Estela dispensa o uso de verbo introdutor de discurso reportado para anunciar o trecho em negrito, mostrando-se solidária. Primeiro, abre-se um espaço mental de passado, a partir do espaço-base, com os verbos (“quis”, “sentei”, “entrei”), em seguida cria-se um novo espaço mental de presente proveniente do espaço passado com a construção “ah eu vou com você Leka”. Em geral, a construção de discurso reportado é um recurso que serve para referendar a narrativa, dando-lhe vivacidade, verossimilhança e credibilidade. Neste caso, a construção gramatical de discurso reportado sem *dicendi* encaixa-se de forma imediata na narrativa. Por que esse encaixe, aparentemente abrupto, é autorizado?

Como vem sendo notado, quando alguém se reporta, faz uso da manutenção de fluxo entonacional entre material narrativo e fala encaixada. Ainda assim, consegue-se detectar que o trecho “ah eu vou com você’ Leka” é reportado. Na falta de colorido prosódico, outras pistas marcam a abertura de espaço mental para outra voz. Ocorre a interjeição “ah”, que encabeça a fala reportada e é indiscutivelmente marca explícita de oralidade. Esse argumento, por si só, não sinaliza ocorrência de discurso reportado, visto que todo o trecho analisado é produção oral e, a princípio, qualquer interjeição poderia aparecer ao longo do segmento fora do discurso reportado. No entanto, observa-se, com certa regularidade, que, na ausência de prosódia específica, usa-se interjeição no início da voz de

outrem, precedida ou não por uma pausa. Além disso, de modo decisivo, o verbo “vou” marca a existência de um domínio mental de presente, que é precedido por espaços mentais de passado dispostos ao longo da narrativa.

No exemplo (5), a prosódia não se mostrou fortemente atuante na definição das fronteiras entre vozes reportadas, talvez por se referir à fala do próprio narrador. Já o (6) revela como os traços supra-segmentais podem ser decisivos:

(6) KLÉBER: então tá bom’ a gen/ a gente chegou no restaurante tava todo mundo assim’ ela foi lá...

VANESSA: ham

KLÉBER: era selv service assim’ ela foi lá’ **só quero frango’** precisa de ver ((muito rápido)) o tanto de frango que ela comeu Vanessa’ o tanto de frango’

Este é um exemplo emblemático de que a prosódia, sozinha, pode marcar os limites sintáticos de uma construção. O trecho em negrito forma um grupo entonacional único, com *frase* vocal distinto do da narrativa circunvizinha. Não há sequer uma pista segmental garantindo que “só quero frango” é a voz da mulher sobre a qual Kléber comenta. Os sinais estão acima do segmento. O primeiro deles é o alongamento na produção do advérbio “lá”, que imediatamente antecede a fala reportada. Em seguida, Kléber sobe o tom ao longo do segmento em negrito. A altura tonal só diminui no momento em que Kléber fala “precisa ver...”. Novamente, estamos diante de uma alternância de tom que sugere distinção entre material narrativo e voz encaixada.

Sendo uma construção que reporta a fala de alguém que é tratado como terceira pessoa, o trecho em negrito, do exemplo (6), revela desconsideração de *face*, através da qual Kléber se mostra assustado com a disposição da mulher em comer muito. As outras duas estratégias, defesa e proteção, atuam ao longo de todo trecho de (6), em que Kléber se defende de ser considerado guloso, citando uma mulher que comia mais do que ele.

3.2.5 Discurso indireto

A presença do complementizador (Comp) em sua formatação sintática provoca um rearranjo semântico e pragmático (interacional-prosódico) que contribui para a unicidade da construção gramatical de discurso indireto. O Comp interage com a construção de forma a ajudar a estabelecer uma identidade construcional de caráter menos mimético que as anteriores no sentido de que atenua fortemente sua vivacidade dramática. Daí provém seu caráter analítico, explicativo e descritivo, consoante com suas tendências prosódicas.

Independentemente das variações de pessoa do discurso, ocorre, neste caso, duração em padrão continuativo entre oração principal e subordinada, não havendo pausas. Não é comum alongamento silábico no introdutor de espaço mental de discurso reportado. Observa-se também ausência de elevação de frequência, o que faz com que o tom de voz do material narrativo circunvizinho seja o mesmo da construção de discurso reportado. Deste modo, a construção gramatical de discurso indireto não se manifesta como um grupo tonal à parte, justamente porque apresenta um contínuo sonoro, cujo o tom é, basicamente, linear. Essa característica pode ser percebida na cena que segue:

(7) ALESSANDRA: (incompreensível) nos seus olhos eu falava o quê” **aí eu me declarava que eu adoro você**

Tendências prosódicas e interacionais do discurso reportado: uma abordagem sociocognitivista

Utilizando a construção indireta em primeira pessoa, Alessandra cumpre sua estratégia de defesa de *face* ao relembrar um momento da festa ocorrida na noite anterior em que declarava fidelidade ao trio formado com Estela e André. Cabe dizer que o grupo está perdendo as forças na competição, pois Estela, sua líder, está para sair da casa, embora, em (7), isso ainda não esteja certo. Para manter sua *face* de amiga, Alessandra adota um prolongamento nas tônicas do discurso encaixado, exibindo um tom analítico e explicativo, mas ao mesmo tempo afetuosos e amigável. No entanto, esse recurso prosódico não atua de modo a separar o prefácio *dicendi* da fala encaixada, sendo que não é comum alteração entoacional na reportação de discurso próprio, como já foi mostrado. Desse modo, prosodicamente, discursos direto e indireto se aproximam quando estão em primeira pessoa.

Considerações finais

Sustentada a partir de observações empíricas, a tentativa de explicitar as nuances supra-segmentais do discurso oralmente reportado, bem como alguns de seus aspectos interacionais, sinaliza uma disposição de se ampliar o escopo investigativo da linguagem sob ponto de vista sociocognitivo. Salomão (1999, p. 64) equipara Saussure e Chomsky afirmando que o primeiro “vê a linguagem como **sistema social desencarnado**”; o segundo “a vê como capacidade-de-ação de um sujeito também **desencarnado** da sociedade ou do contexto em que atua”. Divergindo desses clássicos pontos de vista, este trabalho discute variáveis prosódicas e interacionais do discurso reportado objetivando certa apreciação de um sujeito socialmente mais “encarnado”, sem contudo admitir que se trata de uma tarefa simples.

Ao afirmar que quanto mais o sujeito discursivo se distancia do sujeito reportado, mais marcada se torna a prosódia e mais o sujeito reportado é tratado sem consideração, este trabalho aposta numa perspectiva teórica agregadora, que não ignora e nem privilegia as semioses simultâneas à informação verbal. No entanto, esse reconhecimento não apenas alarga, consideravelmente, o campo de atuação dos estudos sociocognitivistas, como também requer cautela em sua sedimentação porque estamos diante de um saber que está sendo construído. As questões que dizem respeito ao discurso reportado são apenas um exemplo palpável de que é fundamental legitimar teoricamente as informações não-verbais mas também explicitar pragmaticamente suas nuances discursivas, fazendo valer sua relevância, estudando-a empiricamente. Como se faz com a Gramática das Construções, considerada uma resposta sintática da moldura sociocognitivista para os estudos lingüísticos, é necessário que o sociocognitismo ainda ofereça outras respostas, como a fonológica e a morfológica, bem como prosseguir com as respostas de base semântica. Todas parecem caminhar para um tratamento mais global e equânime.

This paper presents prosodic and interactional aspects linked to instances of grammatical constructions of reported discourse in Brazilian Portuguese, collected of a *corpus* extracted from reality shows. From Sociocognitive Linguistics' theoretical bases, it is postulated that the more distant the discursive subject gets from the reported subject, shifting from the first to the third person, more marked becomes the prosody. From the interactional point of view, more evident it is the narrator's disregard of the voice of the other.

Keywords: Prosody; Interaction; Reported discourse; Cognition.

Notas

- ¹ Este artigo deriva de minha tese de doutorado intitulada "A construção da *mimesis* no *reality show*: uma abordagem sociocognitivista para o discurso reportado", sob orientação da Prof^a. Dr^a. Lillian Vieira Ferrari (UFRJ). Conclusão: junho de 2004.
- ² Segundo Goldberg (1995), instanciadas em sentenças, construções são emparelhamentos de forma-significado que existem independentemente de palavras isoladas nas sentenças e que formam unidades básicas das línguas.
- ³ Diferentemente da visão europeia de prosódia, os americanos apostam no termo supra-segmento, no qual estaria embutida a noção de continuidade.
- ⁴ Densidade da onda, isto é, número de vezes que determinado padrão se repete em um dado espaço de tempo; do ponto de vista da produção, F0 relaciona-se com a frequência de vibração das cordas vocais.
- ⁵ Por sua vez, Tannen (1989) postula que o sujeito reportado pode ser tratado sem consideração, porque, em certos momentos, ele não faz parte do contexto de enunciação da fala reportada. "Nos contextos em que estão ausentes, não são percebidos como pessoas, isto é, não são percebidos como potencialmente afetados pelos atos daquele contexto" (TANNEN, 1989, p. 109).
- ⁶ MCI - modelo cultural mental adquirido socialmente (LAKOFF, 1987).
- ⁷ O termo *face* pode ser definido como "valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um encontro específico. Face é a imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados" (GOFFMAN, 1980, p. 76-7).
- ⁸ Conforme Fauconnier (1994), são marcas lingüísticas que sinalizam a existência de constructos mentais específicos, permitindo a conexão pragmática entre domínios epistêmicos diferentes e a descrição da relação entre elemento e contraparte, seja em termos de imagem, crença, hipótese, tempo, drama ou volição. Eles criam um novo espaço mental (M) ou se referem a um já apresentado no discurso.
- ⁹ "A **defesa de face** consiste em salvar a própria imagem; já a **proteção** visa à salvação da imagem do outro" (MIRANDA, 2000, p. 48, negrito da autora).
- ¹⁰ A separação da semântica de pragmática neste quadro se dá para atender à presença dos papéis temáticos (agente, paciente e recipiente) na construção, mas, de fato, os pressupostos teóricos sociocognitivistas defendem a inseparabilidade semântico-pragmática.
- ¹¹ Trata-se de um objeto discursivo não acompanhado pelo complementizador "que".

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. [VOLOCHÍNOV, V. N.] *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10 ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BIG BROTHER* Brasil 1. Direção: José Bonifácio de Oliveira e Carlos Magalhães. Produção: Rede Globo de Televisão. Intérpretes: Alessandra Begliomini; André

Gabeh; Antônio Sérgio Campos; Estela Padilha; Kléber de Paula; Vanessa Pascale; entre outros. Rio de Janeiro: Organizações Globo, 2002 (início do programa em 29 de janeiro — coleta do *corpus* entre 13 de março a 2 de abril). 47 fitas de vídeo (282 horas), VHS, son., color.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. 1981. 185f. Tese (Livre Docência) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

CLARK, H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

COUPER-KUHLEN, E. *Coherent voicing. On Prosody in Conversational Reported Speech*. Konstanz: Universität Konstanz, Fachgruppe Sprachwissenschaft, 1998. Disponível em: <<http://inlist.uni-konstanz.de/issues/1/inlist1.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2003.

_____. The prosody of repetition: on quoting and mimicry. In.: COUPER-KUHLEN, E.; SELTING, M. (Org.). *Prosody in conversation*. Cambridge: Cambridge, 1996. p. 366-405.

_____. & SELTING, M. Towards an interactional perspective on prosody and a prosodic perspective on interaction. In.: COUPER-KUHLEN, E.; SELTING, M. (Org.). *Prosody in conversation*. Cambridge: Cambridge, 1996. p. 11-56.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GOFFMAN, E. A elaboração da face. In.: FIGUEIRA, S. (org). In.: *Psicanálise e Ciências Sociais*. Tradução de J. Russo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 76-114.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. V. O fenômeno da focalização e a interface fonologia-sintaxe. *DELTA*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 319-342, 1999.

_____. *Focalização no Português do Brasil*. 1997. v. 1, 228 f. Tese (Doutorado em Lingüística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, 1997.

HIRST, D.; DI CRISTO, A. *Intonation systems: a survey of twenty languages*. Cambridge: Cambridge, 1999.

JANSEN, W.; GREGORY, M. L.; BRENIER, J. M. *Prosodic correlates of directly reported speech: evidence from conversational speech*. Groningen: University of Groningen, [200-]. Disponível em: <titian.cog.brown.edu/~mgregory/papers/isca.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2003.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

MATOS-ROCHA, L. F. *A construção da mimesis no reality show: uma abordagem sociocognitivista para o discurso reportado*. 2004. 254 f. Tese (Doutorado em Lingüística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, 2004.

MIRANDA, N. S. *A configuração das arenas comunicativas no discurso institucional: professores versus professores*. 2000. 196 f. Tese (Doutorado

em Educação) — Universidade Federal de Minas Gerais. 2000.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas: revista de estudos lingüísticos*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, jul./dez. 1999.

_____. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem. *Veredas: revista de estudos lingüísticos*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 23-39, jul./dez. 1997.

TANNEN, D. *Talking voices*. New York: Cambridge University Press, 1989.